

ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE A TRADUÇÃO NO QUEBEC

ELEMENTS FOR AN ANALYSIS OF THE DISCOURSE ON TRANSLATION IN QUEBEC

ÉLÉMENTS POUR UNE ANALYSE DU DISCOURS SUR LA TRADUCTION AU QUEBEC



Sherry SIMON

Professora-titular aposentada

Concordia University

Departamento de Francês

Montréal, Québec, Canadá

<https://www.concordia.ca/faculty/sherry-simon.html>

<https://orcid.org/0000-0003-2587-0689>

sherry.simon@concordia.ca

Traduzido por:

Catarina JUNGES

Doutoranda

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Programa de Pós-Graduação em Tradução

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7590722249280131>

<https://orcid.org/0000-0001-7337-9646>

catarinajunges@gmail.com

Sheila Maria dos SANTOS

Professora Adjunta

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/0385056960675473>

<https://orcid.org/0000-0001-6290-6367>

dossantos.sheilamaria@gmail.com

Resumo: Se as diversas teorias da tradução nos convenceram “de que uma rosa não é a rose não é una rosa”, talvez elas tenham nos informado menos sobre as diferenças que podem surgir entre “traduction”, “translation” e “traducción”. De fato, embora os estudos sobre os obstáculos estruturais que impedem a equivalência tradicional não sejam escassos, os fatores culturais e políticos que criam e determinam a especificidade do contexto da tradução foram muito menos abordados. Ao apresentar o caso de Quebec, gostaria de elucidar a seguinte tese: a tradução assume significados culturais muito diferentes, dependendo do contexto em que é praticada, e esses significados inevitavelmente influenciam os aspectos estritamente linguísticos da atividade de tradução.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Análise do discurso. Teorias da Tradução. Fatores culturais e políticos. Québec.

Résumé: Si les diverses théories de la traduction nous ont bien convaincus «qu'une rose n'est pas a rose n'est pas una rosa», elles nous ont peut-être moins renseignés sur les différences qui peuvent intervenir entre «traduction», «translation» et «traducción». En effet, si les études sur les obstacles structuraux qui font barrière à l'équivalence traditionnelle ne manquent pas, on a beaucoup moins abordé les facteurs culturels et politiques qui créent et déterminent la spécificité du contexte de la traduction. En présentant le cas du Québec, je voudrais expliciter la



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

thèse suivante : la traduction assume des significations culturelles très différentes selon le contexte où elle se pratique, ces significations influant inévitablement sur les aspects strictement linguistiques de l'activité traduisante.

Mots-clés : Traductologie. Analyse du discours. Théories de la traduction. Facteurs culturels et politiques. Québec.

Abstract: Even though different translation theories have convinced us that “a rose is not a rose is not *una rosa*,” they might not have given us as much insight into the differences between “traduction,” “translation,” and “traducción.” Indeed, while there is no shortage of studies on the structural obstacles that stand in the way of traditional equivalence, much less attention has been paid to the cultural and political factors that create and determine the specificity of the translation context. By presenting the case of Quebec, I would like to explain the following thesis: translation takes on very different cultural meanings depending on the context in which it is practiced, and these meanings inevitably influence the strictly linguistic aspects of the translation activity.

Keywords: Translation Studies. Discourse Analysis. Theories of Translation. Cultural and Political Factors. Quebec.

ELEMENTOS PARA UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE A TRADUÇÃO NO QUEBEC*¹

2

Se as diversas Teorias da Tradução nos convenceram “de que *une rose* não é *a rose* não é *una rosa*”, talvez elas tenham nos informado menos sobre as diferenças que podem surgir entre “*traduction*”, “*translation*” e “*traducción*”. De fato, embora os estudos sobre os obstáculos estruturais que impedem a equivalência tradicional não sejam escassos, os fatores culturais e políticos que criam e determinam a especificidade do contexto da tradução foram muito menos abordados. Ao apresentar o caso do Quebec, gostaria de elucidar a seguinte tese: a tradução assume significados culturais muito diferentes, dependendo do contexto em que é praticada, e esses significados inevitavelmente influenciam os aspectos estritamente linguísticos da atividade de tradução.

Dizer que a tradução no Quebec não desfruta de boa reputação é ficar muito aquém da verdade. As más lembranças remontam à Conquista.² O historiador Michel Brunet situa a origem do problema em um contexto social específico: “Se a Conquista fechou muitos canais de promoção para os canadenses, devemos admitir que ela lhes abriu uma nova carreira: a da tradução”.³ Esta constatação não é apenas um comentário irônico sobre a nova identidade bicultural da antiga Nova França; é uma declaração rancorosa que corresponde, na verdade, a uma certa realidade histórica: “Todos esses postos de tradutores são ocupados na época (1794-1812) por membros de grandes famílias senhoriais mais ou menos decadentes [...]”.⁴ Mas quando Léon Lorrain, Pierre Daviault e outros depois deles apresentaram os canadenses franceses como “um povo de tradutores”, os significados próprios e metafóricos da tradução se

confundiram para expressar uma longa e persistente frustração no que diz respeito às relações entre o francês e o inglês no Quebec.

A tradução, como ideia e como prática, de fato parece frequentemente servir como alvo dessa frustração. Mas o discurso sobre a tradução não expressa apenas isso. É o lugar em que questões de fronteiras são articuladas, tanto linguísticas quanto culturais. Este trabalho tem como objetivo começar a identificar os pontos de interseção entre o pensamento sobre a língua e a cultura no Quebec e a reflexão sobre a tradução. Este primeiro levantamento buscará delinear os discursos que abordam explicitamente a questão dos *efeitos* da tradução no Quebec. Encontramos o material para esta reflexão em dois lugares diferentes: por um lado, nos prefácios e apresentações de livros traduzidos para o francês e, por outro lado, nos textos e ensaios que relatam a função e a influência da tradução no Quebec desde a Conquista.

Veremos que existem dois discursos distintos sobre a tradução, diferindo conforme o local em que são enunciados. O primeiro, bastante raro e relacionado à tradução de livros, concentra-se nas dimensões culturais da tradução. O segundo, massivo e onipresente, insiste nas consequências linguísticas da tradução. Portanto, trata-se de acompanhar os desdobramentos desses discursos e definir seu modo de enunciação.

Prefácios e Apresentações de Livros Traduzidos para o Francês

O prefácio tem sido, desde a Renascença, o local designado para a palavra do tradutor. No entanto, o uso dessa tribuna não é automático. A intervenção do tradutor depende de vários fatores: as convenções da época, o gênero do texto traduzido, as restrições do editor, as visões pessoais. Mesmo que o discurso prefacial seja de natureza ritualística e na maioria das vezes amplamente constituído por *topoi*, está ligado tanto ao contexto ideológico da tradução quanto à percepção das expectativas do público leitor. Ele também tem a função de destacar o nome do tradutor ou tradutora como cossignatário(a) da obra e, assim, enfatizar a intervenção de uma “segunda mão” e de um segundo contexto cultural na preparação do livro.

No Quebec, poucos tradutores optaram por se expressar nos prefácios de obras de ficção, enquanto os prefácios para romances canadenses traduzidos do francês para o inglês são muito mais comuns; estes têm como tema predominante a importância sociopolítica da tradução literária. Os prefácios anglo-canadenses expressam o que pode ser chamado de discurso humanista sobre a tradução: traduzir-se é compreender-se; a compreensão em um nível cultural mais geral é útil, até necessária, para a aproximação política.⁵

As traduções literárias do inglês para o francês publicadas no Quebec antes de 1970 não são muito numerosas (dos quarenta e cinco romances canadenses-ingleses publicados em tradução entre 1900 e 1970, apenas oito foram publicados no Quebec). Apenas dois prefácios durante esse período são significativos, um que antecede a tradução de *Chien d'or* de William Kirby (Montréal, 1884; o original é de 1877), traduzido por Pamphile LeMay, e aquele (em três versões) que Pamphile LeMay escreveu para sua tradução de *Évangéline* de Henry Wadsworth Longfellow.

Os dois prefácios relembram o contexto ideológico em que a tradução está inserida. No primeiro caso (o de um romance histórico que trata do conflito entre ingleses e franceses no Canadá e em Montreal especificamente), é o editor e não o tradutor que assina o prefácio, e ele apresenta em três pontos as razões que o motivaram a “empreender a tarefa onerosa de fazer traduzir e publicar em francês a obra do Sr. Kirby”:

- 1) trata-se de um magnífico tributo aos ancestrais dos canadenses franceses, homenagem ainda mais notável por vir da pena “de um homem pertencente pelo sangue e pelas crenças a uma nação que foi o inimigo secular de nossa raça”;
- 4 2) é uma reflexão para nossos literatos sobre “o admirável partido que um homem, que mesmo não tendo nossa fé nem nossos sentimentos nacionais, e cuja língua materna é o inglês, soube tirar de um curto período de nossa história”;
- 3) mesmo o autor sendo protestante, o sentido religioso é mais bem expresso do que por autores franceses que zombam da religião. No entanto: “O autor gentilmente permitiu fazer, na tradução, algumas modificações de expressões que não estavam em conformidade com o ensino católico”.

Assim, todo o peso da diferença cultural é ressaltado pelo editor; apesar da “simpatia” expressa pelo autor, proibições ainda assim impedirão a passagem integral do texto original. Este prefácio pode ser vantajosamente comparado ao que Charles G. D. Roberts escreveu alguns anos depois, em 1890, para sua tradução de *Les Anciens Canadiens* de Philippe Aubert de Gaspé. Ambos enfatizam a imensa distância cultural que separa os dois Canadás. No entanto, Roberts demonstra mais magnanimidade e espírito de conciliação: o lugar de onde ele fala é obviamente o do poder e esse poder não é de forma alguma ameaçado pela mera existência do Outro.

Sob formas constitucionais de governo, é inevitável que uma minoria vigorosa e homogênea, cuja língua e instituições são mais ou menos ameaçadas pela mera

predominância da raça dominante, pareça às vezes excessivamente veemente em sua autoafirmação. Um conhecimento mais profundo nos leva a concluir que talvez o extremo do nacionalismo de Quebec seja apenas a espuma na superfície de uma determinação não indigna de manter intacta a língua e as instituições do Canadá Francês.⁶

Para Roberts, assim como para os tradutores anglo-canadenses que o seguirão, a tradução literária é uma chave que dará acesso à verdade do Outro. A declaração inaugural dessa tradição, formulada por Roberts em seu prefácio de 1890, será retomada em outras formas por várias gerações de tradutores: “Nós, de língua inglesa, nos voltamos naturalmente para a literatura franco-canadense para conhecer o povo franco-canadense”. Como veremos, o impulso que a tradução no Quebec receberá virá mais do desejo de saber o que os outros escreveram sobre o Canadá francês. O Quebec traduzirá as imagens de si mesmo que os Outros escolheram criar.

Portanto, vemos um padrão semelhante ao de *Chien d'or* (e de outro romance histórico do século XIX, *Antoinette de Mirecourt*; ou *Mariage secret et chagrins cachés* de Rosanna Leprohon, também traduzido para o francês) se repetir na tradução de *Évangéline* por Pamphile LeMay. Trata-se de uma obra de ficção que descreve um evento da história canadense (acadiana, neste caso) escrita em inglês e posteriormente traduzida para o público canadense-francês. Os prefácios de LeMay e (na terceira edição) de Édouard Richard apresentam o poema no contexto óbvio do significado histórico da expulsão dos Acadianos. Édouard Richard confirma a autenticidade do poema de Longfellow e conclui: “Já que este poema é feito do sofrimento de nossos pais; já que é, de certa forma, como nossa própria carne; já que é o mais popular e conhecido entre nossos vizinhos, não seria apropriado que ele fosse traduzido e popularizado entre nós? O Sr. LeMay realizou aqui uma obra útil e patriótica”.⁷

Como veremos, é nos prefácios de obras políticas e históricas que encontramos uma extensão desse mesmo discurso sobre a função de “autocompreensão” da tradução no Quebec. A grande maioria das traduções e dos comentários sobre tradução de livros no Quebec antes de 1970 diz respeito à apresentação de imagens de si mesmo esboçadas por outros para o público leitor canadense-francês.⁸

Parece que o primeiro prefácio que aborda a questão da tradução do Outro para o francês no Quebec é este agradável comentário que René Chicoine faz preceder sua tradução de *Rue Saint-*

Urbain de Mordecai Richler (Montreal, HMH, 1969), e que vale a pena ser reproduzido na íntegra:

O leitor pode se surpreender ao “ouvir” personagens que são todos judeus se expressarem como canadenses franceses. Sua maneira de falar poderia encontrar uma verdadeira equivalência na tradução?

Em algum lugar, o autor estabelece um paralelo entre os judeus da Rue Saint-Urbain, que são os únicos personagens do livro, e os canadenses franceses dos arredores: “Como nós, eles eram pobres e comuns, tinham famílias numerosas e falavam mal o inglês” escreve ele. Poderíamos acrescentar: e o francês.

Espera-se que, sem o saber, o Sr. Richler tenha proposto a melhor maneira possível de reconstituir, para além de um particularismo étnico, a vida que continua.

Alguns leitores acharão que deveria ter sido adotada diretamente a chamada língua “joul”⁹ Por um lado, as personagens desses relatos não usam um idioma correspondente tão degradado (seria possível?), e por outro, nossa maneira peculiar de pensar, sentir e reagir não se expressa apenas em uma língua, se é que podemos chamá-la assim, que busca destruir suas nobres origens.

Assim, coloca-se a questão da equivalência cultural das línguas. Em que língua francesa os judeus de Mordecai Richler se expressarão? Sabemos que os tradutores anglo-canadenses frequentemente tiveram que considerar a questão da equivalência do joual ou do quebequense em inglês,¹⁰ mas a questão inversa foi pouco levantada. O único domínio em que a questão se revelou até agora bastante pertinente é o da tradução teatral. Se René Chicoine rejeita o joual como língua de tradução devido ao seu caráter degradado, Michel Garneau, ao contrário, baseou-se em uma percepção totalmente diferente do quebequense em suas traduções de Shakespeare.¹¹ O debate sobre a legitimidade da língua quebequense como língua de tradução ocorreu quase exclusivamente no campo do teatro, de fato. No entanto, o comentário de René Chicoine introduz, no contexto da tradução romanesca, uma percepção crucial: a expressão da alteridade cultural se manifesta na e pela língua.

No que diz respeito ao romance contemporâneo traduzido no Quebec desde 1970, o prefácio praticamente não existe. Mesmo as numerosas traduções da coleção *Les Deux solitudes*, publicadas pelo *Cercle du Livre de France* e, portanto, claramente identificadas como “obras traduzidas” (a única outra coleção de obras traduzidas no Quebec sendo aquela introduzida

pelas Edições Québec-Amérique, *Littératures d'Amérique*) são muito escassas em material preliminar. Dos vinte e nove romances traduzidos entre 1970 e 1985 para o francês que conseguimos consultar, nenhum possui prefácio; apenas uma tradução é precedida de uma breve nota da tradutora apresentando o autor (*Cinquième Emploi* de Robertson Davies). Por outro lado, dos cinquenta romances traduzidos para o inglês, onze têm prefácios (às vezes substanciais), um contém muitas notas, e outro inclui uma nota do tradutor. Essa ausência de prefácio é curiosa quando se sabe que as traduções dos romances canadenses em inglês (quase os únicos traduzidos no Quebec, já que são os únicos subsidiados) não encontram facilmente leitores no Quebec. Portanto, o prefácio é um meio de promoção que os editores não consideraram adequado usar.¹²

Ao mesmo tempo, a ausência de prefácios reflete a raridade da reflexão sobre a tradução literária em geral no Quebec. No entanto, é importante mencionar aqui a obra essencial de Jacques Brault, que desenvolve um pensamento tão importante quanto incomum sobre os aspectos culturais da tradução no Quebec. Foi em uma discussão publicada pela revista *Ellipse* que Brault expôs de forma mais clara sua concepção da tradução como trabalho sobre a alteridade. Esse trabalho, ele o chama de “*nontraduction*”.

7

Pois é tanto minha condição de quebequense quanto minha paixão pela poesia que me obrigou a me repatriar através do desvio do desenraizamento. Assim como se está desconfortável na própria pele, eu estava desconfortável na minha língua, e acabei por admitir na prática que a relação vital de si consigo mesmo passa pela mediação do outro. Esse é o cerne do não traduzir. A língua anglo-americana me agredia? Bem, eu atravessaria essa língua, eu a atravessaria até minha própria língua (e desconhecida), e durante essa travessia dolorosa e salutar, eu me perderia no outro e o outro se encontraria em mim... A tradução da poesia, no Quebec, se fosse percebida como uma reculturação revigorante, como uma verdadeira odisséia desalienante, isso, eu acredito, libertaria os poetas do Quebec (de uma mãe-Quebec demasiadamente protetora) e, por consequência, talvez lhes permitisse serem ouvidos pelo mundo. Pois apenas aqueles que traduzem são traduzidos. É uma lei de mercado, com vezes infelizmente, mas é ainda mais uma constante na psicologia dos grupos [...] ^{13 14}

Brault integra, nessa meditação, os aspectos culturais, linguísticos e comerciais da tradução. Ao evocar a estreita relação entre a tradução de outras literaturas e a promoção da literatura de

Quebec, Brault retoma um argumento que foi formulado por Roger Duhamel em um momento muito particular da história da edição quebequense. Durante o período de 1940–1944, a edição quebequense conseguiu obter direitos de tradução que normalmente seriam reservados aos editores franceses. Com as impressoras na França paralisadas pela guerra, os editores quebequenses publicaram muito e, especialmente, traduções de livros americanos. Eles acreditaram, assim, estar diante de um futuro interessante:

É talvez dessa forma, ao atender a clientela francesa com grandes obras americanas, traduzidas para o francês e com o selo de editoras canadenses-francesas, que conseguiremos impor na França nossas próprias obras originais...¹⁵

O fim da guerra também encerrou os projetos editoriais de Duhamel e outros editores quebequenses, e até agora os quebequenses leem com muito mais frequência as obras americanas em versão francesa “*made in Paris*” do que em versão francesa produzida no Quebec. As restrições do pequeno mercado quebequense, os monopólios das grandes editoras francesas e os subsídios oferecidos desde 1972 pelo *Conseil des arts* impõem restrições importantes e decisivas sobre a produção de traduções.

O Contexto Sociopolítico do Ensaio

O ensaio, gênero que foi traduzido mais amplamente – e de longe – pelos quebequenses, possui um material preliminar muito abundante em comparação com a literatura. Os livros traduzidos para o francês até os anos 60 são quase exclusivamente de natureza histórico-etnográfica e tratam do Canadá francês. Não é surpreendente que obras sobre o Canadá francês destinadas principalmente a um público não-francófono sejam na maioria das vezes precedidas por uma apresentação destinada ao seu novo público.¹⁶

Os temas desses prefácios são relativamente estáveis. Primeiro, é necessário justificar o “desvio”, de certa forma, da obra de seu público original e explicar aos canadenses francófonos por que deveriam se interessar por um livro que não foi escrito para eles. Em segundo lugar, é preciso pronunciar-se sobre a “simpatia” demonstrada pelo autor em relação ao seu objeto.

L'Évolution du Canada français (Paris, Pion, 1927) de Jean-Charlemagne Bracq é um dos primeiros livros da longa série de monografias sócio-históricas escritas sobre o Quebec em inglês e posteriormente traduzidas para o francês. Este livro é excepcionalmente publicado na França e é uma autotradução (um fato mencionado no prefácio, mas que nunca aparece na

página de título). O autor, apresentado como professor em uma universidade americana, apenas menciona as dificuldades que essa tarefa de tradução (empreendida sob pressão de um editor) lhe causou.

Stanley Bréhaut-Ryerson, também tradutor de sua própria obra *Le Canada français, sa tradition, son avenir* (Edições de la Victoire, 1945, tradução francesa de *French Canada: A Study in Canadian Democracy*), vai além na caracterização das dificuldades enfrentadas pelo tradutor de um livro como o seu. Trata-se, na verdade, de uma questão de *legitimidade*. Não apenas a tradução obriga a redefinir o objetivo do livro (a segunda versão sendo “uma discussão em francês dos problemas canadenses-franceses”, enquanto a primeira era “uma tentativa de esclarecimento para nossos compatriotas de língua inglesa...”), mas também obriga a reposicionar o local de onde o autor fala. Ryerson se sente obrigado a transformar o observador neutro do primeiro livro em um membro aceito da comunidade sobre a qual ele fala. Assim, ressurge o motivo da “simpatia” que vimos destacada no prefácio do *Chien d'Or*. No prefácio, o autor sente a necessidade de explicar o seu uso do termo “nós” ao falar dos canadenses francófonos.

9

Acredito ter o direito de falar assim, não apenas porque minha mãe é canadense-francesa (um Bréhaut chegou ao Quebec pouco depois da morte de Champlain), mas também porque passei quase dez anos da minha vida como jornalista no movimento operário canadense-francês.

Para falar com seu novo público, o autor considera necessário reposicionar-se como o emissor e estabelecer a autoridade de sua voz por meio de sua pertença a essa comunidade.

O motivo da “simpatia” do autor para com seus novos leitores é o principal elemento do aviso do tradutor, Guillaume Lavallée O.F.M., que abre *Canadien, Essais sur les Canadiens français* de Wilfrid Bovey (Edições Albert Lévesque, 1935). Ele enfatiza:

a simpatia que permeia cada uma destas páginas. Seria quase tentador dizer que o Sr. Bovey descreve o que deveria existir e não o que realmente existe, tal é a sua solicitude sincera e previdente. Este estudo, o autor inicialmente o dirigiu aos seus compatriotas de língua inglesa, mas nos afeta tão profundamente que não podemos ignorá-lo.

Segundo a nota do tradutor do influente livro *Les Canadiens français de 1760 à nos jours*, de Mason Wade (Montreal, *Le Cercle du Livre de France*, 1963), o tema da simpatia pertence a uma visão ultrapassada da história. Se Adrien Venne lembra que ainda é urgente tomar consciência do espetáculo que oferecemos àqueles que nos observam de fora e que só podem nos julgar a partir de pontos de vista diferentes dos nossos, parece acreditar que essa perspectiva será agora definida pela objetividade da ciência. Este trabalho, continua ele, não é uma “história romanceada”, como as que o precederam; ele se propõe a ser “exato, realista, objetivo”: é um historiador científico moderno que aplica as técnicas mais recentes.

No caso do livro *Le Sphinx parle français, un Canadien anglais s'interroge sur le problème québécois* (Montreal, HMH, 1966; tradução francesa de *Canada and the French-Canadian Question*, de Ramsay Cook), foram as pressões dos editores que levaram à tradução da obra. O prefácio segue um tema que parece ser muito mais comum entre os Canadenses Ingleses do que entre os Canadenses Franceses: “Sempre me pareceu que as disputas entre os Canadenses Franceses e os Canadenses Ingleses se esclareceriam se cada parceiro conhecesse um pouco melhor a história do outro”.

10

Finalmente, Jean-Charles Falardeau, em um prefácio erudito para a reedição de sua tradução do clássico da sociologia *Rencontre de deux mondes, la crise d'industrialisation du Canada français* (Everett C. Hughes, Edições do Boréal Express, 1972), destaca, de passagem, que esse livro se junta à longa lista de observadores estrangeiros que, muitas vezes antes de nós, estudaram de perto nossa sociedade, desde Peter Kalm e Henry Thoreau até Ramsay Cook, passando por André Siegfried e Georges Vattier. Assim, são os trabalhos desses observadores que compõem em sua maioria o *corpus* das obras traduzidas do inglês para o francês até o final dos anos 60. A produção se tornará significativamente mais diversificada a partir dos anos 70. O prefácio é, portanto, mais comum nas traduções de ensaios do que nas obras de ficção.¹⁷ Talvez isso revele um pressuposto da escrita moderna: a ficção não se dirige a um público-alvo; deve agir como se seu público fosse universal. Por outro lado, os trabalhos das ciências humanas podem definir o seu público leitor. Porém, se o prefácio se mostra indispensável, é precisamente no caso em que uma obra, que se propõe a ser um conhecimento *sobre* uma coletividade, é posteriormente destinada *a* essa mesma coletividade. Isso requer explicações devido a uma transformação radical. O Quebec tem sido há muito tempo objeto da curiosidade dos outros. Essa curiosidade desperta igual interesse por parte do Quebec, que deseja conhecer em tradução o que os outros escolheram dizer sobre ele.

O conteúdo dos prefácios que acabamos de examinar surpreende pela sua coerência, sendo sua função principal estabelecer a distinção entre o “nós” do público leitor e a origem estrangeira do livro. Também surpreende pela ausência de comentários de natureza linguística. Como veremos, é o tema linguístico que caracteriza principalmente os comentários sobre a tradução no Quebec.

Análises das Funções da Tradução no Quebec

O debate mais comum e marcante sobre a tradução no Quebec não trata de assuntos culturais ou políticos, mas sim de questões puramente linguísticas. Os *locais* são tão numerosos quanto dispersos. Até a criação de revistas especializadas em tradução, as reflexões sobre o assunto eram expressas em periódicos dedicados a questões linguísticas. Mas não foram os únicos: tanto ontem como hoje, as cartas dos leitores de jornais, as colunas linguísticas e as comunicações apresentadas pelos funcionários responsáveis oficialmente pelas questões linguísticas são lugares em que as opiniões e as posições sobre o assunto são expressas livremente.

O estabelecimento de uma relação estreita entre a atividade da tradução e o enriquecimento ou empobrecimento da língua remonta ao Renascimento e até mesmo à Idade Média.¹⁸ Para os tradutores do Renascimento francês, por exemplo, a tradução era vista como um meio positivo de transmitir para as línguas vernáculas o prestígio e os tesouros das línguas clássicas. No caso do inglês, no entanto, havia mais atenção aos excessos dessas importações, pois ameaçavam o fundo anglo-saxão da língua.

Desde o início do século XX, ou seja, desde o aumento do interesse pelas questões de língua no Quebec, a influência da tradução sobre a língua é percebida quase exclusivamente em termos negativos. A formulação clássica e inaugural do discurso sobre a tradução no Quebec é encontrada em Louis-Albert Benoist, “A influência da tradução em nosso discurso”.¹⁹ Procurando as causas da degradação do falar francês desde a Conquista, ele afirma, ao contrário daqueles que afirmam que a corrupção do falar dos canadenses franceses foi favorecida por sua exclusão dos cargos públicos, que:

É desde o momento em que nossos pais entraram em contato com os ingleses na administração da coisa pública que começaram a corromper sua língua em uma tradução improvisada de palavras e frases das quais não conheciam os equivalentes em francês. (p. 254)

“Veja o trabalho funesto da tradução”, observa ele. “Nela, o sentido próprio das palavras é deturpado. São combinados termos que não têm o hábito de se relacionar e são esquecidos aqueles que precisam ser reunidos para expressar claramente uma ideia”. Benoist fará uma análise das influências nefastas da tradução ao longo da história do Quebec, mas se concentrará principalmente nos jornais. Em conclusão:

Se temos o maior interesse em conhecer bem o inglês, a cultura inglesa e a cultura francesa não devem se desenvolver paralelamente em nós. É importante que a cultura francesa predomine e que não sofra em nada pelo contato com o inglês. As duas culturas podem coexistir em nosso país bilíngue, isso é um direito delas. Elas podem se influenciar mutuamente, isso pode não ser prejudicial. Mas não é absolutamente aceitável que nosso idioma seja modelado pelo inglês. Consentir com uma tradução servil é nos submeter ao inglês. E assim que houver sujeição, teremos perdido o que caracteriza um povo de sangue francês. (p. 271)

- 12 Notamos na última frase um deslocamento semântico significativo. A servidão mencionada é dupla, tanto de natureza linguística quanto política. Esta dupla inserção da tradução na vida do Quebec é fundamental e constitutiva: não se pode ignorá-la.

Para Acabar com a Servidão

Tanto Pierre Daviault quanto Jean Darbelnet deram grande importância à qualidade da tradução e à língua francesa; ambos se expressaram abundantemente em artigos de revistas do Canadá francês. São, portanto, linguistas que trouxeram questões de tradução para o debate público. Um tema fundamental emerge de seus escritos: a tradução é necessária no Canadá, mas deve servir à língua francesa, em vez de prejudicá-la. Se for praticada de forma excessiva, não alcançará o resultado desejado.

Os escritos de Pierre Daviault sobre a história da tradução no Canadá, sobre os aspectos linguísticos da tradução e seu impacto cultural são numerosos e substanciais. Em *Une culture d'emprunt*²⁰, ele denuncia a amplitude das atividades de tradução no Quebec. “Desde a mais tenra infância até o fim da vida ativa, o canadense francês está imerso em um ambiente artificial, à margem de sua própria cultura e de qualquer cultura”. Como resultado,

os fatos da língua são, antes de tudo, questões de tradução no Canadá francês... submetidos pela tradução? Certamente. Não podemos escapar disso. As obrigações da vida prática nos são necessárias. Mas a submissão total não é inevitável, desde que reservemos e ampliemos uma margem de cultura desinteressada. Essa seria a parte de gratuidade, de inutilidade que poderia salvar nosso pensamento francês.

Aqui, a cultura francesa real é definida como uma cultura gratuita e desinteressada, enquanto a tradução é associada às necessidades políticas, administrativas e comerciais da vida.

Jean Darbelnet (conhecido, evidentemente, por seu tratado clássico *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, com Jean-Paul Vinay) também observa em *La Traduction, voie ouverte à l'anglicisation*,²¹ os efeitos inevitáveis da tradução, o “desgaste” inevitável da língua que resulta disso.

Há, de certa forma, um desgaste da língua pela tradução. Isso é sem dúvida verdade em todos os lugares. Mas esse desgaste é particularmente temido em países bilíngues onde a tradução assume a forma de uma verdadeira instituição. E a língua mais exposta nesses casos é a língua minoritária... Daí resulta que o francês está fortemente ameaçado de anglicização e que a tradução é uma das vias, talvez a mais amplamente aberta, para a anglicização. Tudo isso pressupõe que uma comunidade linguística que deseje preservar sua língua e que compreende o perigo das traduções medíocres está disposta a fornecer aos tradutores os meios intelectuais, materiais, e até jurídicos, para trabalhar no que não é exagero chamar de uma obra de salvação pública.

13

A Comissão B et B, de forma talvez surpreendente, não dá muita importância às questões de tradução em seus estudos e recomendações sobre a língua. Observando que as traduções muitas vezes são francesas no idioma e inglesas na forma, a Comissão se limita a recomendar que os textos produzidos pelo governo federal sejam mais frequentemente redigidos diretamente em francês.²²

A Diferença que Importa

A tradução é o meio pelo qual a diferença se manifesta na língua, e é apenas a natureza negativa dessa diferença que é reconhecida por quase todos os comentaristas. Para Pierre Daviault, os malefícios da tradução estão claramente ligados à criação de um francês que não é o

“verdadeiro francês”. Ele conclui sua apresentação histórica dos efeitos da tradução sobre a língua, intitulada *Traducteurs et traduction au Canada*²³, afirmando que é “desta maneira [através da tradução], principalmente, *que o francês do Canadá acabou por se diferenciar do francês verdadeiro*” (p. 87). No entanto, em uma comunicação apresentada ao mesmo órgão quinze anos depois²⁴, ele parece constatar, com certa surpresa, que o inglês do Canadá também é diferente do inglês da Inglaterra, assim como o francês difere do francês da França. Na medida em que a evolução das línguas é natural, “deve-se considerar isso como um enriquecimento, e não como uma corrupção” (p. 71). No entanto, essa atitude relativista e tolerante dura apenas um tempo. Imediatamente em seguida, ele prossegue:

No entanto, mais uma vez, é preciso ter cuidado para não levar a analogia com as ciências naturais muito longe e não ver necessidade onde há apenas capricho da mente humana. Em parte, as novidades em nossas línguas, no Canadá, são produto da ignorância, da negligência, da falta de reflexão. Essas novidades devem ser rejeitadas. (p. 71)

14

Marcel Boudreault, linguista, talvez seja o único comentarista a expressar uma opinião diferente. Em sua síntese das apresentações perante a Comissão Gendron sobre a “Qualidade da Língua” (na qual a STQ participou²⁵), Boudreault não interpreta a influência da tradução como negativa sempre. Ele afirma que a tradução é importante porque permite aos quebequenses ter uma janela para a cultura anglo-saxônica, ao mesmo tempo que integra parte desses elementos culturais à cultura quebequense. A língua quebequense é diferente do francês e, embora os efeitos da tradução na língua devam ser destacados e controlados, é preciso reconhecer que a evolução de uma língua inclui a integração de certas “falhas” cometidas. Se a língua quebequense é diferente, é em parte *grças* à tradução.

Na construção dessa língua, a tradução desempenhou e continua a desempenhar um papel inevitável: ela é um dos fatores que contribuíram e continuam a contribuir para que o francês do século XVI, nossa língua materna daquela época, tenha evoluído em uma direção que não é exatamente a mesma do francês da Europa e da França. (p. 428)

A interpretação positiva dos efeitos da tradução por Boudreault decorre de sua concepção da diferença linguística como criativa, legítima e inevitável no contexto quebequense. Isso destaca

o fato de que todo discurso sobre tradução tem suas raízes primeiramente em uma ideologia da língua. De fato, poderíamos ver nos comentários de Boudreault uma atitude semelhante à adotada por Claude Duneton em sua obra *Parler croquant*, em que o autor recorre à tradução como um meio de gerar um francês “diferente”, mas igualmente legítimo.²⁶

Tradução e o Estado do Quebec

Uma nova etapa foi alcançada com a intervenção dos organismos estatais no discurso sobre a tradução. O dilema da tradução se coloca de maneira diferente quando está ligado a legislações linguísticas, apoiadas pelos mesmos organismos estatais. Até certo ponto, podemos sentir um novo otimismo nesses discursos, sinais de um fervor renovado.

Esse fervor se expressa em um discurso de 1962 de Jean-Marc Léger que antecede a promulgação das Leis 22 e 101, mas reflete o entusiasmo apaixonado que anima o recém-criado Escritório da Língua Francesa (do qual ele é diretor). O cerne de sua mensagem aos tradutores em um longo discurso sobre a renovação do francês no Quebec é o seguinte:

Pois, de acordo com a concepção que ele terá de seu papel, o conhecimento que ele terá de sua língua materna, o tradutor canadense-francês poderia contribuir poderosamente para restaurar a qualidade do francês em nosso meio, ou, ao contrário, acelerar o processo de degradação da língua e afastamento do gênio da língua.²⁷ (p. 39)

15

Se os tradutores podem exercer as suas faculdades de criação (A tradução, como já se disse muitas vezes, mas nunca é demais repetir, é verdadeiramente uma criação) e se conhecem perfeitamente sua língua e cultura francesas,

então eles poderão ser os artesãos da recuperação que deve ser nossa preocupação dominante, eles poderão, nos diversos meios onde atuam, apagar progressivamente o crime contra a nação e contra o espírito que por muito tempo foi uma tradução servil, fornecedora de anglicismos e instrumento de embrutecimento intelectual. (p. 40)

Este elogio da criatividade da tradução, bastante raro senão excepcional no discurso não literário sobre a tradução no Quebec, deve ser relacionado a um tema que Paul Horguelin identificou emergindo por volta de 1975. Paul Horguelin²⁸ cita Pierre Bourgault: “Cada tradução realizada no Quebec substitui, de alguma forma, o que deveria ter sido pensado aqui.

Isso reduz a criatividade, e o tradutor se apresenta como um sufocador”. Pierre Cardinal acrescenta: “O que se perde ao traduzir é a liberdade de pensar”. Assim, na maioria das vezes, a tradução é concebida como o oposto da criação.

Os atos do colóquio *Traduction et qualité de la langue* (Editora oficial do Quebec, 1984) devem ser vistos como a expressão privilegiada das atitudes oficiais e extraoficiais sobre os aspectos culturais e linguísticos da tradução nos anos 80. É uma visão completamente descritiva das *funções* da tradução no contexto do Quebec. Este colóquio parece ser a única manifestação sobre tradução (e não terminologia) em que houve colaboração entre o Conselho da Língua Francesa e a STQ. É importante lembrar que o Escritório da Língua Francesa não tem mandato sobre a atividade de tradução no Quebec: ele se interessa apenas pela terminologia. De fato, entre as muitas publicações do CLF e da OLF desde 1962, há poucas publicações que abordam de alguma forma a tradução.

O prefácio dos procedimentos oferece um resumo do consenso que emerge e que cito *in extenso*:

16

Durante o século XX, houve uma tendência a considerar a tradução como o veículo universal de comunicação com o Quebec e o Canadá francês. Assim, a tradução tornou-se onipresente na linguagem de trabalho, nas línguas especializadas, na administração, no comércio, nos meios de comunicação. É esse excesso que levantou a questão da aculturação pela tradução.

No entanto, os tradutores do Quebec e do Canadá têm sido verdadeiros promotores do patrimônio linguístico e estão cada vez mais conscientes de suas responsabilidades sociais, buscando defini-las.

Parece que alguns efeitos negativos da tradução na qualidade da língua derivam do contato contínuo entre as línguas, o que resulta no alto número de tradutores amadores. Agora que a universidade forma tradutores e que o Quebec está cada vez mais tomando as medidas necessárias para garantir seu futuro linguístico, é preciso se perguntar se não devemos reconsiderar o lugar ocupado pela tradução, seja na perspectiva de sua racionalização ou de sua diminuição. Também é necessário, se quisermos melhorar a qualidade da língua, repensar a formação de tradutores e, mais amplamente, a formação de comunicadores.

Aqui está o resumo dos principais elementos encontrados nas comunicações de Jean-Claude Corbeil, Denis Juhel, Jacques Maurais, Robert Dubuc e outros comentadores, e que pode ser resumido da seguinte forma:

1. Há um excesso de atividade de tradução em Quebec. O relatório da STQ apresentado à Comissão Gendron (agosto de 1969) também enfatiza a “onipresença da tradução” no Quebec, mas se opõe à ideia de que a tradução é *necessariamente* prejudicial. A STQ acredita que, nos últimos dez anos, a tradução fez “progressos sólidos” no Quebec e menciona “uma recuperação terminológica prodigiosa na qual os tradutores frequentemente foram peças-chave” (p. 12, edição multigrafada). Ao mesmo tempo, a STQ declarará que o *excesso* de atividade de tradução no Quebec não serve nem à comunidade nem ao futuro profissional dos tradutores. Note-se também que a tradução é usada como único meio de comunicação entre as duas culturas. Ela não deveria ter um papel tão importante. É dessa exclusividade que vêm os perigos da aculturação.

2. A tradução desempenha um papel instrumental no Quebec: é uma ferramenta que serve a um projeto e não pode ser concebida fora desse projeto. Entre as funções máximas (interculturais) e mínimas da tradução (instrumento de comunicação cuja função é reduzir a impossibilidade ou a dificuldade de comunicação entre dois falantes), é a última que domina no Quebec.²⁹ Denis Juhel (*Le rôle sociolinguistique du traducteur*) afirma que, no contexto quebequense, “a função dominante da tradução hoje é garantir o monolinguismo dos cidadãos”. O documento de orientação resume o mesmo pensamento assim:

Entende-se que os aspectos do conteúdo cultural na operação de tradução sejam então relegados para o segundo plano, para colocar em primeiro plano os valores expressivos da língua de chegada, a fim de assegurar a transmissão da mensagem com o máximo de eficiência. (p. 216)

3. A tradução no Quebec é uma atividade destinada a persistir, mas poderia ser exercida de forma diferente, em setores mais lucrativos cultural e cientificamente. Jacques Maurais observa que é ilusório pensar que a tradução desaparecerá com o fim da fase intensiva de francofonia. A tradução permanecerá: “É a tradução que permitirá a todos os quebequenses ter acesso ao desenvolvimento científico e tecnológico americano, preservando sua língua.” (p. 200)

Deveríamos traduzir menos, escolher melhor os textos a serem traduzidos, sem renunciar aos direitos duramente conquistados de tradução pelo governo federal...? O objetivo a ser alcançado é fazer com que a tradução desapareça como suporte universal de comunicação em Quebec. A tradução ganhará em prestígio, pois será reservada para textos importantes que exigirão uma qualidade de linguagem impecável. (Documento de orientação)

Portanto, vemos que a imagem exclusivamente negativa dos efeitos da tradução foi substituída ao longo dos anos por um paradigma mais relativista. Hoje, o tradutor é um agente produtor do francês de qualidade em um Quebec unilíngue. O reverso da medalha, no entanto, é que a própria abundância de traduções representa sempre a mesma ameaça de submissão cultural. Essa contradição leva a STQ a uma situação um tanto paradoxal, pois, contra seus próprios interesses, de certa forma, ela acaba desejando uma redução do volume de tradução no Quebec.

Conclusão

18

Deve-se ver no discurso sobre tradução no Quebec não tanto uma revelação da natureza efetiva das práticas, mas sim uma indicação dos parâmetros ideológicos que as sustentam. No contexto atual, por exemplo, no qual a correção linguística é — devido a evidentes pressões sociais — a preocupação primordial de todo tradutor no Quebec (seja ele literário ou comercial), seria difícil imaginar que a concepção da “tradução da letra”, conforme exposto por Antoine Berman,³⁰ seja uma possibilidade real de tradução. Da mesma forma, uma compreensão do universo ideológico da tradução, tal como expresso nos textos da época, poderia nos fazer entender as práticas “aberrantes”, como as identificadas por Pierre Daviault como caracterizando o “período obscuro” da tradução no Quebec.

Existem dois contextos muito diferentes para o discurso sobre os efeitos da tradução no Quebec. Essa separação muito clara entre a tradução em suas funções culturais e a tradução em suas funções linguísticas é talvez peculiar ao Quebec. Por um lado, a tradução é pensada no contexto do comércio literário e cultural com o mundo exterior (geralmente o Canadá inglês), e por outro lado, a tradução é um elemento do grande debate linguístico que faz parte integrante da história do Quebec (e que talvez se refira mais à cultura dos Estados Unidos). No entanto, o que predomina em ambos os casos é uma atitude prudente e informada em relação ao discurso humanista sobre a tradução e uma consciência muito desenvolvida, nascida da experiência dos

efeitos da tradução, das disparidades entre “traduzir” e “ser traduzido”. São as lições dessa experiência que criam um interesse especial no discurso sobre a tradução no Quebec.

Universidade de Concordia

REFERÊNCIAS

- Atwood, M. (1987). *Essai sur la littérature canadienne*. Éditions Boréal.
- Berman, A. (1984). *L'Épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard.
- Berman, A. (1986). *La traduction et la lettre, ou l'auberge du lointain*. Trans-Europ-Repress.
- Bouthillier, G. (Ed.). (1982). Le choc des langues (Document n° 107, 1957, pp. 649–651). *Presses de l'Université Laval*.
- Bovey, W. (1940). Les Canadiens français d'aujourd'hui: L'essor d'un peuple (J.-J. Lefebvre, Trad.). Montréal: Éditions ACF.
- Brunet, M. (1977). Les Canadiens après la Conquête (pp. 24–25), citado por J. Gouin. *Meta*, 22(1), mars.
- Chamberlin, W. H. (1942). *Le Canada vu par un Américain* (R. Duhamel, Trad.). Montréal: Éditions de l'Arbre. (Obra original publicada em inglês como *Canada, Today and Tomorrow*).
- Commission royale d'enquête sur le bilinguisme et le biculturalisme. (1973). Rapport III (par. 369, p. 138; par. 801, p. 280). Ottawa: Gouvernement du Canada.
- Conferência apresentada na sessão pública da *Société du Parler Français au Canada*, 1º de fevereiro de 1922. *Canada français*, 8(4), 253–271.
- Corbeil, J. C. (1984). Le traducteur dans le calme ou la tourmente des communications. In *Traduction et qualité de la langue* (p. 131). Québec: Éditeur officiel du Québec.
- Darbelnet, J. (1968). In *Culture vivante*, (7–8), 39–45.
- Daviault, P. (1944). *Mémoires* (Vol. 38, 3e série, pp. 67–87). Société royale du Canada.
- Delisle, J. (1987). Traduction au Canada. *Presses de l'Université d'Ottawa*.
- Duhamel, R. (1943). *Relations*, novembre, pp. 299–300.
- Duneton, C. (1973). *Parler croquant*. Paris: Stock.
- Ellipse*. (1977). *Ellipse*, 21.
- Garneau, M. (1978). *Macbeth de William Shakespeare*. Montréal: VLB éditeur.

-
- Gaspé, P. A. de. (1974). *Canadians of Old* (C. G. D. Roberts, Trad. e Introd.). McClelland & Stewart. (New Canadian Library Edition)
- Gordon, W. (1966). *Le Canada à l'heure du choix* (H. Gagnon, Trad.). Montréal: HMH.
- Gouin, J. (1977). *Meta*. Vol. 22, n° 1.
- Guillerm, L. (1980). L'auteur, les modèles et le pouvoir, ou la topique de la traduction au XVI^e siècle en France. *Revue des sciences humaines*, 52(180), oct.–déc.
- Homel, D. (1984). *Broke City*. Guernica Editions.
- Horguelin, P. (1984). La traduction à l'ère des communications. In *Traduction et qualité de la langue*. Québec: Éditeur officiel du Québec.
- Jones, R. F. (1953). The triumph of the English language. *Stanford University Press*.
- La qualité de la langue. (1973). Sínteses realizadas pela *Comissão de Inquérito sobre a Situação da Língua Francesa e os Direitos Linguísticos no Québec*.
- Léger, J.-M. (1962). L'état de la langue, miroir de la nation. *Meta*, 7(2), avril–juin, 39–51.
- LeMay, P. (1912). *Evangeline et autres poèmes de Longfellow*. Montréal: J. Alfred Guay Éditeurs. (3^e éd.)
- Lusignan, S. (1986). Parler vulgairement: Les intellectuels et la langue française aux XIII^e et XIV^e siècles. Paris–Montréal: Vrin–Les Presses de l'Université de Montréal.
- Moore, W.-H. (1920). *Le choc* (The Clash): *Étude de nationalités* (E. Bilodeau, Trad.). Montréal: Librairie Beauchemin; J.M. Dent Ltd.
- Nicholson, B. (1904). *Le Canadien français* (Esquisse de ses principaux reliefs caractériels) (U. Barthe, Trad.). Québec: La Compagnie d'Imprimerie Commerciale.
- Rousseau, G. (1970). *Les préfaces des romans québécois du XIX^e siècle*. Montréal: Éditions Cosmos.
- Simon, S. (1988a). Éléments pour une analyse du discours sur la traduction au Québec. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, 1(1), <https://doi.org/10.7202/037004ar>
- Simon, S. (1988b). *The true Quebec as revealed to English Canada: Translated novels, 1860–1950*. Canadian Literature.
- Sloan, T. (1965). *Une révolution tranquille?* (M. van Schendel, Trad.). Montréal: HMH.
- Stratford, P. (1977). *Bibliography of Canadian books in translation*. Ottawa.

The evolution of the English and French languages in Canada. (1959). Proceedings of the Royal Society of Canada, 53 (Series III), June, 63–72. Gaspé (McClelland and Steward, New Canadian Library Edition, 1974).

* O texto traduzido conta com a autorização (via e-mail) de tradução e publicação de Gillian Lane-Mercier, então diretora da revista TTR, em 22 de abril de 2024, bem como pela autora Sherry Simon, em 12 de fevereiro de 2024; autorização concedida a Catarina Junges.

Simon, S. (1988). *Éléments pour une analyse du discours sur la traduction au Québec*. TTR : traduction, terminologie, rédaction, 1(1), 63–81. <https://doi.org/10.7202/037004ar>

¹¹ * Essa pesquisa está inserida no âmbito de projetos financiados pelo CRSHC e pelo Office de la langue française. Meus agradecimentos a Lou Nelson e a Paul di Biase.

² N.T.: “A Conquista” é a expressão usada para se referir à tomada do Canadá pela Grã-Bretanha durante a Guerra dos Sete Anos. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/conquete>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

³ Michel Brunet, *les Canadiens après la Conquête*, (Montréal, Fides), pp. 24-25, citado por Jacques Gouin em *Meta*, (Vol. 22, n° 1, mars 1977).

⁴ Jacques Gouin, *ibid*.

⁵ Ver Sherry Simon, “*The True Quebec as revealed to English Canada: Translated novels, 1860-1950*”, em *Canadian Literature*, 1988

⁶ “Introduction” pelo tradutor Charles G.D. Roberts de *Canadians of Old*, por Philippe Aubert de Gaspé (McClelland and Steward, New Canadian Library Edition, 1974). No original: “Under constitutional forms of government it is inevitable that a vigorous and homogeneous minority, whose language and institutions are more or less threatened by the mere preponderance of the dominant race, should seem at times overvehement in its self-assertion. A closer knowledge leads us to conclude that perhaps the extreme of Quebec nationalism is but the froth on the surface of a not unworthy determination to keep intact the speech and institutions of French Canada”.

⁷ *Evangeline et autres poèmes* de Longfellow, tradução livre de Pamphile LeMay (Montréal, J. Alfred Guay éditeurs, 1912; 3e édition). Esta edição foi republicada pelas editoras Leméac (Montreal) e Éditions d'aujourd'hui (Paris), sem indicação de data.

⁸ Esta afirmação deveria ser feita no condicional, pois ainda não temos uma bibliografia completa das obras traduzidas no Quebec. A bibliografia de Philip Stratford, *Bibliography of Canadian Books in Translation* (Ottawa, 1977), cuja atualização está para ser lançada em breve, cobre apenas as obras canadenses traduzidas e publicadas em francês. Portanto, os livros americanos traduzidos para o francês (dos quais sabemos que houve vários durante a guerra) não estão incluídos. Naturalmente, a bibliografia de Jean Delisle é um instrumento valioso (*Traduction au Canada*, Presses de l'Université d'Ottawa, 1987), mas trata-se de escritos sobre tradução.

⁹ N.T.: o termo “joual” se refere a uma variedade de francês falada no Quebec, caracterizada principalmente por certas peculiaridades fonéticas, gramaticais e lexicais que distinguem do francês padrão. Disponível em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/joual>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

¹⁰ Ver, por exemplo, o prefácio de Ray Ellenwood à tradução de *Le Cassé*, de Jacques Renaud, por David Homel, *Broke City* (Guernica Editions, 1984).

¹¹ Michel Garneau, *Macbeth de William Shakespeare*, (Montréal, VLB éditeur, 1978)

¹² Isso é particularmente evidente no caso de uma tradução como *Essai sur la littérature canadienne* de Margaret Atwood, recém-publicada pelas Edições Boréal. Esta tradução de “*Survival*” surge quinze anos após a publicação do original em inglês. Uma nota do editor destaca essa discrepância, mas simplesmente acrescenta que a importância do livro justificava essa publicação tardia. Um prefácio mais substancial, demonstrando a relevância deste ensaio acadêmico no contexto atual, teria sido uma adição lógica, ao meu ver.

¹³ Este número da revista *Ellipse* trata especificamente dos aspectos sócio-políticos da tradução no Quebec (*Ellipse* 21, 1977). Ele apresenta contribuições importantes para a nossa problemática. Este número e as discussões que ele contém são o único lugar, pelo que sei, em que a tradução da literatura no Quebec é claramente situada em um contexto sociopolítico. Vale ressaltar o importante trabalho de promoção realizado pela revista *Ellipse* (que promove a tradução recíproca de poetas anglo-canadenses e quebequenses). O número 16 de *Urgences* (“De um texto, outros. Uma bibliografia dos escritos sobre tradução literária no Canadá inglês e no Quebec desde 1950”), preparado por Kathy Mezei e a ser lançado em breve, certamente nos apresentará outros lugares de reflexão sobre a tradução literária.

¹⁴ N.T.: No original: “Car c'est autant ma condition de Québécois que ma passion pour la poésie qui m'a obligé à me rapatrier par le détour du dépaysement. Mal dans ma langue comme on est mal dans sa peau, j'ai fini par admettre *en pratique* que le rapport vital de soi à soi passe par la médiation d'autrui. Tel est le nœud du nontraduire. La langue anglo-américaine m'agressait? Eh bien, je traverserais cette langue, je la traverserais jusqu'à ma langue propre (et inconnue) et au cours de cette traversée pénible et salutaire, je me perdrais dans l'autre et l'autre se retrouverait en moi... La traduction de la poésie, au Québec, si elle était perçue comme une reculturation vivifiante, comme une véritable odyssée désaliénante, cela, je crois, libérerait les poètes du Québec (d'une mère-Québec trop couveuse) et par là leur permettrait peut-être de se faire entendre dans le monde. Car ne sont traduits que ceux qui traduisent. C'est une loi du marché, cent fois hélas, mais c'est encore davantage une constante dans la psychologie des groupes...”

¹⁵ Roger Duhamel, *Relations*, novembro 1943, pp. 299-300.

¹⁶ De qualquer forma, os seguintes livros, representantes clássicos do gênero político-etnográfico, não contêm – pelo menos nas edições consultadas – qualquer material prefacial: *le Canadien français (Esquisse de ses principaux reliefs caractéristiques)* de Byron Nicholson, tradução de Ulric Barthe (Québec, la Compagnie d'imprimerie commerciale, 1904); *le Choc (The Clash), étude de nationalités*, de William-Henry Moore, traduzido por Ernest Bilodeau (Montréal, Librairie Beauchemin; J.M. Dent Ltd., Londres, Paris, Toronto, 1920; les *Canadiens Français d'aujourd'hui, l'essor d'un peuple*, de Wilfrid Bovey, traduzido por Jean-Jacques Lefebvre (Montréal, Éditions ACF, 1940); *le Canada vu par un Américain* (trad. de *Canada, Today and Tomorrow*) de W.H. Chamberlin, traduzido por Roger Duhamel (Montréal, Éditions de l'Arbre, 1942); *Une révolution tranquille?* de Thomas Sloan, traduzido por Michel van Schendel (Montréal, HMH, 1965); *le Canada à l'heure du choix*, de Walter Gordon, traduzido por Hélène Gagnon (Montréal, HMH, 1966).

¹⁷ Guildo Rousseau, *les Préfaces des romans québécois du 19e siècle*, (Montréal, éd. Cosmos, 1970)

¹⁸ Ver Serge Lusignan, *Parler vulgairement, les Intellectuels et la langue française aux XIIIe et XIVe siècles*. (Paris-Montréal, Vrin-Les Presses de l'Université de Montréal, 1986); R.F. Jones, *The Triumph of the English Language*, (Stanford University Press, 1953); Luce Guillermin, “l'Auteur, les modèles et le pouvoir, ou la topique de la traduction au XVIe siècle en France”, *Revue des sciences humaines*. Tome LII, n° 180, oct.-déc. 1980.

¹⁹ Conferência apresentada na sessão pública da *Société du Parler Français no Canada*, 1º de fevereiro de 1922, publicada no *Canada français*. Vol. 8, n° 4, 1922, pp. 253-271.

²⁰ Em *Le Choc des langues*, Guy Bouthillier, éd. (Presses de l'Université Laval, 1982; document n° 107, 1957), pp. 649-651.

²¹ *Culture vivante*, (1968) n° 7-8, pp. 39-45.

²² *Rapport III*, par. 369, p. 138 e par. 801, p. 280

²³ *Mémoires de la Société royale du Canada*, (1944) vol. XXXVIII, 3ª série, pp. 67-87

²⁴ “The Evolution of the English and French languages in Canada”, *Proceedings of the Royal Society of Canada*, vol. III, Series III, June, 1959, pp. 63-72, escrito parte em francês, parte em inglês.

²⁵ *La Qualité de la langue*, sínteses realizadas em nome da Comissão de Inquérito sobre a Situação da Língua Francesa e os Direitos Linguísticos no Quebec, 1973.

²⁶ Claude Duneton, *Parler Croquant* (Paris, Stock, 1973).

²⁷ “L'état de la langue, miroir de la nation”, *Meta*, Vol. VII, n° 2, avril-juin 1962, pp. 39-51.

²⁸ “La traduction à l'ère des communications”, *Traduction et qualité de la langue* (Éditeur officiel du Québec, 1984). Ver também Paul Horguelin, Paul Morisset, Nada Kerpan et Jacques Poisson em *le Statut culturel du français au Québec*. Textos reunidos e apresentados por Michel Amyot e Gilles Ribeau, Tome II (Éditeur officiel du Québec, 1984).

²⁹ J.C. Corbeil, “Le Traducteur dans le calme ou la tourmente des communications”, *Traduction et qualité de la langue*, p. 131.

³⁰ Ver Antoine Berman, “l'Épreuve de l'étranger — Culture et traduction dans l'Allemagne romantique” (Paris, Gallimard, 1984) e, do mesmo autor, “la Traduction et la lettre, ou l'auberge du lointain”, les *Tours de Babel* (Trans-Europ-Repress, 1986): “Fidelidade e exatidão referem-se à literalidade carnal do texto. Como objetivo ético, o propósito final da tradução é acolher essa literalidade na língua materna.” (p. 90).